

Segunda Parte

1

Irmã

O senhor Camilo do Merlo, perito e escrevente do Concelho de Vímbio Verde, homem bom, amigo de escrever poesias e fazer favores, tinha sona de ser muito amigo de andar entre as saias das mulheres, e não era sem razão... A sua dona, Benvinda da Marcuda, casou com ele quando Helena, a filha, tinha doze anos. Antes Camilo ia e vinha, fazia promessas, mas não as cumpria. Um dia ela, cansa, colheu a filha e foi-se embora para Buenos Aires. Logo de sete anos, ele mandou-as volver e, ainda que Benvinda já não quisesse casar nem volver, Helena queria ter um pai de seu, e convenceu à sua mãe, com a madureza que lhe era própria, de que deveriam volver a Vímbio Verde.

Quando esteve de volta, Camilo queria volver às nozes ao saco, mas já era tarde demais para fazer essa falcatruada e acabaram casando em segredo, de noite, na casa do abade, como canta a cantiga:

“Aí, se queres na cas do cura... Aí, na cas do cura será”.

Por que tanto segredo? Pois nem mais nem menos porque, dom Camilo, de tanto andar entre saias, e entre pernas de mulheres, algo delas se lhe pegou. E nada bom, por certo. Porque mulheres há muitas no mundo, e filhas de muitas mães... E homens que andam com elas, também. E a vida é uma aranha, onde todos os caminhos se cruzam...

O caso é que o bom do Camilo apanhou umas purgações que, em aqueles tempos de escassos antibióticos não sabiam como atalhar. O homem andava muito afligido e, sobre tudo, triste por não poder fazer o que mais gostava, assim que consultou com Manuel, o médico amigo, para que o aconselhasse. E qual foi o conselho?

– Camilo, amigo, para esse mal não tenho menciinhas, hom. Vá que és bem amigo de a meter onde não corresponde... Se a tivesses queda, não chegarias a isto.

Olha que eu, não sei que podes fazer para te curar, mas ouvi dizer que, se desvirgares uma mozinha, o mal desaparece.

E assim, Camilo, já tinha motivo justificado para lhe fazer as beiras e deixar prenhe a Luzia, uma rapariga de quinze anos do lugar da Cabana, na outra banda do rio. Ela era duma família pobre. Não tinham mais que o dia e a noite: nem terras, nem animais, nem casa de seu. Luzia, com dezesseis anos, pariu uma menina preciosa, com dous olhos negros como duas estrelas. O pai, nunca mais voltou onda ela, ocupado como estava com a volta de Benvinda e Helena, e o assunto da boda.

Assim começou a carreira de Luzia de mãe solteira, sempre procurando um homem que a quiser para casar, mas, desde que vinham as crianças em caminho, “Se te vim, não me lembro”.

Era o destino das mulheres pobres, sem nada de seu, mas que as suas mãos para trabalharem. Mas o trabalho era mal pago. Uma cunca de caldo, ou dez reais por um jogo de labor para adornar a cama dos ricos...

Mas a vida segue seu curso, e o sol sai para ricos e pobres, e a menina tinha que ser batizada. Batizaram-na com o nome de Amara e, desde pequeninha, destacou pola esperteza que tinha e o linda que era a sua cara moreninha e o seu corpo feito como um quarto. Qualquer trapinho que punha, sentava-lhe bem.

Só pudera ir três meses à escola, mas o mestre diz que era muito esperta. Nos três meses aprendeu leitura escritura e os números. Não lhe deu tempo a mais.

Um dia, quando tinha treze anos, sua mãe falou-lhe:

– Amara, minha menina, a tua tia Carmela, que serve na casa dos Castros, de Cancelas, diz que os da família de Leira precisam de uma rapaza para lhe ter conta dos meninhos. Alá estarás muito bem, filhinha, e poderás comer quente todos os dias. Eu, com o que saco do labor, não posso manter-te a ti e aos teus três irmãos. Pensa-o bem, minha rainha. Se quiseres ir, tua tia há te vir buscar o domingo que vem.

– Bom, mamãe. Como você quiser. Eu faço o que você mande.

–Já sei minha filhinha, que és bem mandada. Não se fale mais do conto. Iremos preparando a tua roupinha e o domingo vás com tua tia para lá. Se não estás contente, voltas para a casa. Que um pedaço de broa, não nos ha de faltar.

E assim foi como o domingo, Amara e mais sua tia apanharam o coche de ponto para irem a Cancelas.



2

Cancelas

Cancelas era a vila mais grande e próspera da redondeza. Na beira do mar, ao pé dos montes da Lobeira, o motor da sua economia eram os prósperos estaleiros da família dos Castros, que mesmo contava com um banco próprio, e a fábrica de gás, que, com a sua chaminé coroada de lume, não parava de noite nem de dia o seu processo de produção.

Quando Amara baixou do carro com sua tia, ficou pampa. Os olhos não lhe davam avondo para olhar tudo o que iam vendo: a estação dos carros de ponto, cheia de gente e de carros que iam e vinham a Santiago e à Crunha, as ruas da vila, com os seus passeios e as praças com seus jardins, as casas novinhas, com grandes balcões e galerias cheias de vidros de cores... E, ao fim, a Alameda, com suas árvores de copas frondosas, seu palco de música, e os bancos de madeira pintada de branco, com respaldo de ferro forjado... Quando estava admirando tudo aquilo com os olhos bem abertos, para que não se lhe escapasse nada, a tia Carmela disse:

–Bom, minha filhinha. Já chegamos. A casa dos Leis é essa de aí. Vou-te levar e depois tenho que ir para fazer a ceia. Amanhã, quando vá ao rio, já passarei por aqui, para ver como estás.

–Vá tranquila, minha tia, que hei de estar bem– diz mentres abanava, sem se decatar, a saquetinha da roupa–.

A grande porta de madeira da casa dos Leis, ficava aberta, mas, depois do limiar, tinha uma entrada adornada com um friso de baldosas de debuxos azuis, de pássaros e pólas cheias de frutas, rematados por uma faixa de placas de cor azul cobalto. Depois vinha uma outra porta branca, com um vidro opaco de desenhos de flores, e uma campainha dourada com uma cadeia, para chamar.

A tia Carmela tirou pola cadeia dourada, e a campainha repenicou igual que a da igreja de Vímio Verde os domingos quando chamava à missa. Saiu uma moça nova, vestida de ne-

gro, com um diadema branco, adornado de encaixe, e muito teso, na cabeça, e um avental do mesmo jeito.

– Amara cuidava que aquela devia de ser uma senhora muito importante, por como ia afivelada.

– Boa tarde, senhora Carmela, que é o que quer?

– Trago minha sobrinha, tal como fiquei de fazer com dona Amélia.

– Agora vou avisar a dona Amélia. Aguardem vocês aqui.

Passaram dentro, a uma salinha cheia de cousas: havia cadeiras muito grandes, forradas de veludo vermelho, muito suave, um sofá com respaldo de madeira, forrado também com um tecido de flores de cor malva, uma mesa de madeira que brilhava como um espelho, quadros de animais correndo polo monte, e uma lâmpada que chorava lágrimas de cristal pendurava do teto, brilhando toda ela com a luz dourada do sol-pôr que entrava pola janela.

Amara pensou se aquilo seria o céu do que tanto falavam as mulheres, quando lhe mandavam guiar-se polos mais velhos. Sim, devia de ser o céu, aonde a levaram por se guiar e ser sempre muito agudinha para ajudar à mamãe com os três irmãos pequenos. Desde logo que até agora, sem saber por que, todavia que ela não fizesse mal a ninguém, esteve a morar no inferno. Ali moravam ainda a mamãe e os nenês, –dous varões e uma menina– mas não sabia ela por que tinha que ser assim. Talvez porque a mamãe não tinha homem, e isso era muito castigado polos deuses que sabem todas as cousas que faz a gente. Talvez fosse por isso, sim, porque no lugar da Cabana, havia muitas mulheres sem homem que tinham filhos como a mamãe. Seria por isso que o lugar estava castigado a ser um inferno de lama, canheiras de estrume, casas sem mais que um talho na pedra do lar e enxergões de casulo de milho para dormirem.

Nunca na Cabana se vira uma moça tão bem vestida como aquela que saiu abrir a porta, nem nada das cousas que ela levava vistas em Cancelas nem naquela casa desde que chegou. Quando andava cavilando nessas cousas, chega uma senhora vestida de azul, com um vestido inteiriço que lhe chegava embaixo dos joelhos sujeito na cintura por um cinto e franzido para abaixo. Era morena e tinha a pele suave e fina, sobre tudo as mãos. Nunca vira Amara uma pele tão fina nem umas mãos

assim. Pensou na mamãe, com suas mãos cheias de calos e a sua face áspera, com enrugadas na frente e arredor da boca. E nas tias, e em todas as mulheres que ela conhecia. Nenhuma se pode comparar com esta senhora.

–Dona Amélia, olhe que lhe venho trazer a minha sobrinha, tal como ficarmos. É-lhe muito boa e guiada. Claro que, a pobrinha, não sabe muito porque nunca saiu da aldeia, mas é esperta e há aprender aginha.

–Algo pequena demais me parece, para ter conta das crianças, Carmela.

–Você fique com ela por uns dias e, se depois não gostar, não há compromisso, senhora.

–Bem. Vou fazer logo o que você diz. Vem, menina. Como é que te chamas?

–Chamo-me Amara, senhora. Amara Lema.

–Bom. Eu vou indo logo, que se me faz tarde. Adeus, Amarinha, guia-te bem, amiguinha, amanhã hei passar por aqui.

A tia marchou e a meninha ficou ali, com aquela senhora.

–Bem, linda. Sabes falar castelhano?

–Não, senhora, eu só sei falar assim. Não sei outra cousa.

–Bom, não importa, já irás apreendendo para falares com os meninhos. E sabes como há que cuidar às crianças?

–Isso sim, que sempre cuidava dos meus irmãozinhos, mudava-os e dava-lhe as sopas ou as papas.

–Bom. Agora imos chamar a Adelina para que se ocupe de ti. Eu sou dona Amélia, a tua ama, Adelina é a criada, e também temos uma cozinheira que vem cada dia fazer de comer, que se chama Marinha. Tu tens que te guiar por mim e mais por Adelina e fazer como ela che mandar. Agora vai vir a costureira, para que che tome medidas. Há-che fazer roupa nova para quando saíres à rua, com as crianças, para o passeio. Tens de ir sempre bem limpinha e bem afivelada, com a roupa bem postinha. A nossa família é muito importante em Cancelas e todos os da casa temos que ir sempre bem postos. Sim?

–Sim, senhora. Perda cuidado, que eu gosto muito da roupa nova e de ir bem vestida.

–Penso que nos imos entender bem. Adelina! Leva a Amara ao seu quarto e ensina-lhe a casa. Depois dá-lhe a merenda e diz-lhe o que tem que fazer.

–Sim senhora. Vem, rapariga.

Amara caminhava detrás de Adelina por aqueles corredores de chão reluzente como um espelho. Subiram as escadas de madeira degrau a degrau, até chegarem a um corredor cheio de portas fechadas. Foram para adiante e entraram na terceira porta à mão esquerda. Era um quarto grande, com uma janela coberta de teia azul, que deixava passar a luz do pôr-do-sol ao seu través. No meio e meio, havia duas camas iguais, de madeira de castanho retorneada, com uns cobertores de seda azul com flores brancas bordadas e, ao seu carão, um berço de madeira com pés curvados para o arrolar. Contra a parede, havia um armário de espelho e mais uma arca pousada no chão.

–Este é o teu quarto. Podes deixar aí a saqueta da roupa e logo volves para guarda-la. Agora vem tomar a merenda e mais conhecer os rapazes.

Não sabia Amara Lema que aquele ia ser o primeiro dia da sua vida de mulher. Em Cancelas ia viver muitas cousas. Algumas muito felizes. Outras muito amargas. Polo momento, a sua nova vida começou comendo doces, bolos e chocolate quente, com o que a sua ideia de ter acadado o céu era cada vez mais firme.

3

Sangue espesso

Passou Amara Lema sete anos em cas dos Leis, criando os filhos da família. Com o tempo foi-se fazendo uma moça muito linda. Morena, com o cabelo ondulado, andava com a graça dum andorinha e tinha lume nos seus olhos negros. Aos moços da vila, não lhe passou despercebida a rapariga, mas ela era muito séria. Não queria que lhe passasse como à sua mãe. Ao fim, por muito que estivesse em cas dos Leis, ela era uma criada de servir e pobre, porque trabalhava pola manutenção e algum quartinho de vez em quando para os seus gastos. Desde logo, não queria volver ao inferno do que, só por casualidade, saiu. Mas velai que as tecedoras da vida, tece que tece, põem no seu caminho a Adriano, o mais velho dos irmãos da família dos Barrosos. A família dos Barrosos era uma boa família da classe operária de CANCELAS. A mãe, Joana Barroso, era uma mulher de muito génio, grande e forte, que arrecadava os seus seis filhos e filhas e fazia-os andar direitos. O seu marido, Pedro, era um homem tranquilo e pacífico que trabalhava de carpinteiro.

Adriano, o filho mais velho, era um trabalhador qualificado na fábrica do gás, manejava os guindastes e era apreçado pola sua seriedade e responsabilidade no trabalho. Ademais disso, no tempo livre, tocava o clarinete na banda de música de CANCELAS, estudava polas noites o bachareleto e exercia de sindicalista convencido e comprometido, sendo tesoureiro da “Casa do Povo” que, por aqueles anos, aglutinava a vida cultural e política da vila.

Tinha vinte e um anos quando conheceu a Amara, e, desde o primeiro dia, ficou prendado daquela rapaza tão formosa. Ia fazendo-lhe as beiras, mas ela não se fiava das suas intenções. Sua mãe e suas tias tinham-na bem avisada:

—Não confies nos homens, minha filhinha. Olha que para namorar todos são muito bonzinhos, mas, desde que tem o que

querem, não fazem caso duma mulher pobre. Há tantos homens bons, como corvos brancos... Mas... Que seria do mundo se todo o mundo faz o que lhe dizem os mais velhos? Não haveria mudanças, nem caminhos que percorrer. Assim que Amara pouco a pouco, foi-se deixando engaiolar por aquele moço tão sério. Porque ela, lá no fundo, ficava convencida da sua honestidade. Adriano era reto e firme como o mastro duma dorna. E ela sentia-o forte por dentro, um homem cabal.

Assim que, pouco a pouco, foram deixando-se ver juntos. No passeio dos domingos pola tarde, na festa da Junqueira, nas funções que organizavam os do sindicato com teatro, zarzuela, cinema, concertos... Em todas as atividades que Adriano mais os companheiros participavam e em outras que havia na vila. Naquele tempo Cancelas era um fervedouro de atividade.

Quando a senhora Joana Barroso soube que o seu filho mais velho, o que ajudava a sustentar a família, andava em tratos com uma criada de servir, deu-lhe um ataque de génio que volteou a casa inteira. Berrou-lhe às filhas, por não a terem avisado, berrou com o homem, por não ter reprimido o filho, berrou com os outros filhos, por não ter dito nada e, quando chegou Adriano do trabalho, berrou também com ele e disse que deixasse estar o assunto antes que as cousas chegassem a mais. O Adriano, muito tranquilo.

—Olhe, mamãe. Você não tem que me dizer com quem tenho que andar ou não. Eu sou um homem, ganho o meu pão, e você não tem que se meter nas minhas cousas. Sinto que não goste de Amara, porque é uma rapariga muito linda, trabalhadora e limpa. Você nem sequer a conhece. Só a despreza porque tem que trabalhar para ganhar seu pão. Pois, para mim, é uma honra que trabalhe, e prefiro mil vezes uma mulher como ela, que essas senhoritas das que você gosta. E não volva fazer este rebúmbio, porque não o vou consentir.

—O que? Assim lhe falas à tua mãe, desagradecido? Um homem... Ainda há pouco que andavas com os cueiros... Pois ainda que adoeças, com ela não casas, como me chamo Joana Barroso.

E, com muita fachenda, marchou escadas acima, para a cozinha, rosmando e movendo seu grande corpo a toda velocidade, botando fume, como uma máquina de vapor.

De ali a pouco, um dia que passou polo rio, olhou uma mocinha lavando e pareceu-lhe a ditosa Amara, a que trazia a mal trazer o seu filho. Sem o pensar duas vezes, enganchou-a polo periquete e malhou nela como em centeio verde.

–Hás de aprender tu a deixar tranquilo o meu filho, regateira.

A outra protestava e berrava como uma tola, sem atinar o porquê da malheira. Quando as cousas, ao fim, foram parando, e a lavandeira ficava com o cabelo todo levantado, e feito um novelo, a senhora Joana repara em que aquela não é Amara, senão a Piculina, que, ao estar de costas, acima do lavadouro, não pudo ver bem. Mas, de certo que assim, era igualzinha que a outra. Claro que, de frente, semelhavam-se mais bem pouco...

A cousa não ficou aí, porque os passarinhos que em todas as vilas contam as cousas e, aonde não chegam mandam recado, logo chegam a cas dos Leis e põem os feitos em conhecimento dos seus moradores.

Amara, que tinha o génio e a figura duma rainha de espadas, foi junto do juiz, dom Abelardo.

–Olhe, senhor. A mãe do meu moço malhou na Piculina pensando que era eu. Venho avisá-lo, para que a reprenda. Não vá ser que para outra vez atine e eu não tenho porque as levar de ninguém. Eu, a essa senhora, não lhe fiz mal nenhum.

–Tens razão, mulher. Vá tranquila que isto já o falo eu com os de Barroso. Vá, que lhe deu boa ideia a Joana. Essa mulher é bem brava, carago.

Assim dom Abelardo chamou a Pedro e a Joana.

–Pobre de ti que te volvas meter com ninguém. Quem és tu para bourar na Piculina nem em outra? Pensas que tu és melhor que essa rapaza que anda com o teu filho? Pois é bem linda e trabalhadora. E bem formal, que nunca nada se ouviu dela. Tu ainda hás de querer que os teus filhos casem com quem tu lhe digas. Deixa passar a água por embaixo da ponte que, quanto mais te metas, pior o hás de fazer.

–Imos para a casa mulher. Que vergonha andar na boca da vila inteira! Tu não tens conhecimento. Vá por Deus! Imos de aí, e deixa a Adriano tranquilo, que ele é um homem feito e direito, e bem sabe o que lhe convém. Por que tens que andar tu metendo-te na vida dos filhos?

–E logo quem os pariu? E quem teve conta deles? Foche tu, por um acaso? Não me faças falar, que os homens não sabedes nada destas cousas. Tantos anos criando o meu filho, para que venha agora essa lagarta levá-lo. Se ainda não tem mais de vinte anos...

–És bem impossível, mulher. Já ouviche o juiz. E já viche os vinte pesos de multa que tive que pagar. Anda com tino e não volvas dar que falar.

O conto foi morrendo, e Adriano e Amara seguiam seu namoro. Mas Joana Barroso não passava um dia sem se queixar com o filho, com o homem, de noite, na cama, com as vizinhas ou com quem se pôr a tiro. A sua teima não morria, mais bem acrescentava-se ao ver que aquilo seguia seu curso para um desenlace –ou enlace– fatal...

Quando levavam um ano de noivado, um dia, Amara, sentiu o corpo mal, como se algo a andasse perturbando por dentro. Não lhe fiço muito caso e aguardou a ver se lhe passava. Mas não lhe passava, porém o que ia ver era como ia medrando o seu ventre em nove meses de espera.

Aquele domingo, quando chegou Adriano para o passeio, recebeu-o com a cara triste e preocupada.

–Vai passear tu. Eu hoje não tenho gana de passear.

–Que passa, Amarinha, não estás bem? Não seria minha mãe outra vez.

–Não Adriano, é que...

–Que de que?

–Pois que estou grávida, hom. E agora já sei que vai passar.

–E que é o que vai passar? Pois que temos que ver de amarrar o do casamento antes que o menino nasça. Anda minha rola, vem aqui, e não tenhas pena por isso. É que não queres casar comigo? Sou feio demais para ti? Não me queres?

–Não digas essas cousas nem de piada, faz favor. Mas tu bem sabes que ainda não cumpriche os vinte e três e não podes casar sem a assinatura dos teus pais... Acreditas em que tua mãe vai assinar? Valha-me Deus, que desgraçada nasci por ser pobre. Que vai ser agora de mim? Outra vez ao inferno da Cabana, como a minha mãe, toda a sua vida arrastada como uma burra de carga... Se eu fizesse caso do que ela me dijo... Que pouco dura a ledícia na casa do pobre...!

–Amara, não fales assim, mulher, que semelha que o filho é teu nada mais. Mas eu também tenho a minha parte e, de qualquer jeito, há-se amañhar. Tu deixa-me a mim e fica tranquila. Já verás.

Como ia amañhar Adriano o assunto, era cousa que nem ele mesmo sabia. Desde logo, sua mãe, não ia assinar, ainda que o seu sangue ficasse sem amparo. Boa era ela, que acreditava na legitimidade do sangue em razão da oportunidade.

Assim que, naqueles dias, andava muito sério, calado e caviloso. Seus companheiros da fábrica reparam e também os da banda, e mesmo seu irmão Abelardo, que tocava com ele...

–Que é o que se passa, Adriano?

–Nada. Cousas minhas.

Também o pai, repara em que seu filho anda caviloso demais, e sente dor, porque Adriano é um homem cabal, um filho muito bom e uma pessoa de peso.

–Que é o que tens, meu filho. Não andas muito contente, não é?

–Meu pai. A minha moça vai ter um filho e eu não posso casar, porque ainda sou novo demais. Minha mãe não pode saber, porque, de o saber, não permite a boda. Ando feito um novelo, e já não sei que fazer. Eu quero casar antes que se saiba. Não quero que Amara tenha que passar pola vergonha diante de toda a vila.

–Tens muita razão, meu filho. O filho é tanto teu como dela, e deves de ser um pai desde o primeiro momento. Não fales nada disto com ninguém, que eu vou amañhar isto.

–Como vai fazer, meu pai?

–Tu deixa-me a mim, que tua mãe não é má mulher, mas é muito mandona, como o teu avô, o guarda civil. Tu deixa que eu amanhe tudo e depois já não poderá desfazer o feito, ainda que adoeça...

A Adriano não se lhe ocorre como pode fazer o pai para os ajudar, mas a sua promessa deixa-o mais tranquilo e tira-lhe um peso das costas. Aquele dia vai mais contente ao trabalho e, ao sair, passa pola casa dos Leis.

–Boa tarde, Adriano, que é o que querias?

–Posso falar com Amara um instante, Adelina?

–Pois não che sei. Aguarda, vou na procura de dona Amélia.

–Amara está deitando as crianças agora. Não pode vir falar contigo. Ademais, nesta casa não se permite receber os noivos. Já a verás o domingo no passeio, homem.

–Sim. Bom. Adeus e desculpe. Não lhe diga nada de que vim, faça favor.

–Tranquilo, homem, que eu bem sei como sodes os namorados. Mas que não se volte repetir.

–Fique tranquila, senhora, que não se repetirá.

Não se repetirá porque já logo ela atenderá o nosso menino, na nossa casa, comigo. O que tenha meninos, que os ature. Que dos nossos, já nos ocuparemos ela e mais eu. Meu amor... Se não fosse por minha família, botaria abaixo a porta da casa dos Leis e sairia contigo no braço para te levar no colo por todas as ruas de Cancelas. Para que todos vissem o que me importam as suas opiniões, se as comparo com o amor que sinto por ti e polo menino que levas no ventre, o primeiro fruto do meu sangue. Nosso amor é tão forte, tão claro, tão limpo como um rio que vai medrando a cada passo, até morrer no mar. Só o mar da morte pode rematar com ele. Assim ia matinando Adriano caminhando para a casa, pola Alameda, e pola Rua da Revolta. Algum dia o mundo ha de mudar. Algum dia os trabalhadores hão de ter mais importância que os ricos, porque o trabalho é quem move o mundo. Algum dia seremos donos dos nossos destinos e nossos filhos não terão que servir a ninguém.

Assim ia cavilando Adriano, e assim entrou pola porta da casa. Triste, pola humilhação sofrida, mas esperançado em que um dia as humilhações rematariam para sempre. Eram tempos de sonhos e revoluções...

–Adriano, filho, vem um instante, antes que a tua mãe volva do rio. Foi embora com tua irmã Teresa e já logo hão de voltar. Vem que quero falar contigo. Falei com dom Avelino, o abade de Corbele. Já sabes que ele é da nossa família. Curmão de tua mãe. Ele diz que, se ides por ali um sábado pola tarde, casa-vos com ou sem permissão. E depois tua mãe que berre. Que já lhe passará. Vai-te ao julgado polos papeis e Amara que peça os seus em Vímbio Verde e, quando os tenhas, já eu o avisarei.

–Meu pai, nunca esquecerei isto.

-E logo não sou teu pai? De que che ia valer ter um pai se não te ajuda quando precisares?

Pai e filho abraçaram-se e, pola cara de Adriano, esvararam, devagar, báguas de gratidão e carinho. Pensou no seu próprio filho que vinha em caminho e sentiu algo lá, no fundo, como uma vaga de sangue que o abafava e não deixava alentar.

O sangue é espesso e quente, como um rio de metal fundido que discorre no nosso interior, mas que poucas vezes somos quem de o sentir.



4

“Arriba, os pobres do mundo”

Amara aviou o traje da boda: um vestido da cor do pão da rosa, com o vão baixo, e uma gravata, última moda dos anos vinte, que lhe cosera a melhor costureira de Cancelas. Mercou uns sapatos de pulseira e umas meias de seda brancas. Penteou o cabelo num moño detrás e por diante, ondeado e partido com a raia ao lado.

Adriano vestiu traje castanho, com chaleque, gravata e sapatos de pele costurada e com amalhões. O sábado, às seis da tarde, estavam na casa do senhor abade de Corbelhe com os papeis e, quando partiram, foram fazer uma foto à casa do Milino. É desde ela que me estão agora a mirar e a me pedir para que conte a sua história. Amara sorri, com o seu braço apoiado na cadeira do seu homem, e Adriano está muito sério, como ele era mas os dous me dizem ao ouvido, estas palavras. Porque quer que a sua história seja contada, para não morrer no mar do esquecimento para sempre, agora que o mundo vai tão rápido. Contam como já me contaram antes Carmelo, Helena, e como ainda me hão contar todos os que ficam cá, na parede da sala, pendurados nos seus retratos emoldurados em madeira e cobertos de vidro.

Este é um momento feliz, o da boda de Adriano e Amara. Há outros que estão a ponto de chegar, que dão arrepios, polo que mostram desde as suas imagens a branco e preto. Sinto a vaga do sangue espesso que sobe até à gorja. Mas, cada cousa ao seu tempo, que hoje andamos de casamento. Aleda-te, coração, que o teu sangue hoje bole de vida e de sonhos.

Quando Amara deixa a casa dos Leis para ir viver com Adriano à casinha de aluguer que tinham buscada, a dona Joana subiu-lhe o fel à cabeça e toleou. Foi a onde o seu curmão, o padre, e dijo-lhe que o ia denunciar.

—Pois denuncia mulher. A mim cair-me-á um responso do bispo, e talvez algo mais. Mas o casal já não o podes desfazer.

As cousas de Deus não és tu quem de voltá-las atrás. Agora aguarda polo teu neto e ajuda-lhe no que podas, que são duas criaturas que estão a fundar o seu mundo...

E assim fundavam aquele seu mundo. Um mundo que se estava a fundar também ao seu redor. Um mundo onde ferviam as mudanças, as ideias, os sonhos de liberdade e justiça.

Dous meses depois da boda, quando a Amara começava a se lhe avultar o ventre, em Abril, quando a vila se enchia de andorinhas e as mocinhas começavam a sair de passeio polas tardes, o mundo mudou. E a mudança fez que tudo começasse a ferver em Cancelas, como no resto das vilas e povos, mesmo aldeias de todo o país.

REPÚBLICA!!!

Que preciosa era a casa de Adriano e Amara! Ela tinha uma intuição para as cores, a disposição das cousas, e um amor polas cousas boas, que fez que, aos três meses de casarem, a sua casa fosse um lugar encantador. Fazia render a paga do homem e ainda aforrava para uma necessidade. Tinha o chão lustrado e a roupa limpa como as chirumas. Assim de formosa era a recém estreada república. Os partidos iam consolidando-se, fundavam-se partidos novos, e mesmo em Corbelhe, havia um senhor muito apreçado que se apresentava para ser parlamentar. A “Casa do Povo” funcionava a todo vapor e as atividades culturais, políticas e sociais, agromavam como as flores do bieiteiro do São João, em todas as paredes... Bom. Não em todas. Pois havia quem andava rosmando e queixando-se de que a república ia acabar com o mundo e dar-lhe volta com o cu para cima, e muitos não gostavam que volteassem as suas vidas de privilégios e enchente, ainda que fosse a custa do lombo dos demais. Mas naqueles primeiros momentos, isso não tinha importância. O sindicalismo e a política sonhavam com voltear o mundo, e isso fazia que a gente comum vivesse mais alegre, mais confiada e mais livre.

No mês de Novembro nasceu Abelardo, o filho de Adriano e Amara, a avoa Joana véu-o ver e a vida acabou de se apousar. O pai trabalhava na fábrica, tocava na banda, ia ao liceu de noite, soldava os instrumentos que rompiam, trabalhava na relação da revista do sindicato, dava discursos nas campanhas eleitorais, intervinha nas mesas eleitorais para garantir a democracia do processo... Amara ia com o menino, os sábados e os domingos,

para o local sindical, levava o jantar e comiam os três juntos. Empada, um termo com café com leite, queijo com doce de marmelo... Tardes de luz, peneirada no ar, como a farinha do pão.

Aos catorze meses, no mês de janeiro, nasceu Pedrinho, o segundo filho. Depois já era mais difícil ir para o local com as duas crianças, assim que Amara, ia levar o jantar e voltava para estar com os filhos.

A vida política de Cancelas, como a do resto do país, ia-se polarizando cada vez mais. Havia os das direitas, e os das esquerdas, -com as esquerdas estavam também os nacionalistas da Galiza- e não sempre conviviam essas duas mãos em harmonia. Na revista do sindicato saíam artigos que não gostavam a todos, e no povo, iam-se decantando cada vez mais as posturas de cada quem, e não sempre com boas maneiras.

A direita ia colhendo cada vez mais pulo, e encorajando-se. Na fábrica, os operários sindicalistas convocavam greve para reclamar mais avanços; o deputado de Corbelhe viu a Cancelas dar um *meeting*. Também parlamentares importantes das esquerdas e nacionalistas. Adriano apresenta-os desde um caixão. O seu discurso afervoriza a uns e alporiza a outros, que vão acumulando genreira e fel frente a aqueles filhos da puta que queriam esfarelar o mundo e dar-lhe a volta. Não podem sentir que isso passasse. As cousas já foram longe demais.

Chegou o dia grande das eleições mais complicadas da República. Os esquerdistas e nacionalistas da Galiza, unem-se na Frente Popular para tentarem parar o avanço das direitas e do nacionalismo esmagante espanhol. Os interventores percorrem todas as mesas da redondeza para evitarem trapas, a gente vem votar andando polos caminhos, polas estradas, polas corredeiras e os carreiros todos do país, como uma santa companhia popular e livre. Os párocos berram nas missas em contra dos que querem crucificar a Cristo outra vez...

Ao fim, chega a noite e o reconto dos votos. Com o coração num punho, vão passando os papeis e recontando. O país, a vila, as aldeias, tremam e param o alento, o tempo detém na espera dos resultados. À manhã seguinte, celebram festa no local do sindicato, nas casas, na rua... A Frente Popular ganhou e mais uma vez a tranquilidade, aparentemente, volve a Cancelas.

5

A roda do tempo vira

Mentres que todo isto acontecia, a roda do tempo seguia virando. Em novembro do ano trinta e cinco, Abelardo fijo cinco anos. Pedro fijo quatro, em janeiro do trinta e seis. Já eram dous homezinhos. O mais velho, era tranquilo e sério. O pequeno tinha o cabelo riçado, fazendo cachos, e era enredante e risonho como um ajóujere.

Galiza referendara a sua autonomia por mais de dous terços em 28 de junho. Em Cancelas foi uma festa como em todo o país.

Um domingo do mês de julho, Adriano saiu para o local do sindicato.

–Abelardinho, queres vir comigo?

–Vai com o teu pai, meu rei, que eu tenho cousas que fazer e fico aqui com Pedrinho.

No local estavam reunidos os companheiros da fábrica, para falarem das consequências da última greve, a atitude do gerente, um italiano que se nega a razoar com os trabalhadores, e o caminho que deve de tomar seu protesto. Mentres eles discutiam, um camião cheio de falangistas de camisola azul e correagens com pistola, baixava da Crunha. Em Corbelhe, a gente andava a passear pola beira do mar, ou sentada nas pedras do malecão, quando enfrente, em Cancelas, começaram os tiros.

Primeiro, foi o ruído. Os estalos das balas, que cruzavam a ria como negras pombas de lume, batendo suas asas de cinza na luz da tarde de julho. Depois, veu sair correndo os homens da “Casa do Povo”, fugir polas pedras arriba, perseguidos polos falangistas e as suas balas, numa cena irreal, sem sentido, como num teatro de loucos. Pouco a pouco, vão tomando consciência do que acontece e a notícia percorre as ruas, as tabernas, as praças, as casas... Todo Corbelhe fica no malecão olhando, apampado, para a outra beira. Mais tarde reagem, mas agora só podem olhar...

Dentro, Adriano colhe a Abelardo e, com ele, refugia-se detrás duma barricada de mesas e cadeiras emborcadas no chão a toda pressa, quando começaram os tiros. Pouco a pouco, vão indo para a porta de atrás, ele protegendo o filho, e vão escapando, pola Rua da Pena, para a casa. Os companheiros que os olham, botam a correrem detrás e chegam à porta de Amara.

–Abre, Amara, abre a porta!

–E logo que passou? Por que tendes tanta pressa!

–Cala e fecha a porta. Subide para o faiado que agora vou eu.

–E logo não me vás dizer o que se passa?

–Chsssss! Cala a boca. E se vem perguntar por nós, diz-lhe que não nos viche... Que aqui não há ninguém mais que tu e as crianças.

Já não lhe deu tempo a dizer mais, porque as vozes e as carreiras achegavam-se. Subiu ao faiado com os companheiros. Amara seguiu lavando a louça no vertedeiro.

–*¡Me parece que vinieron por aquí! ¡Tienen que estar en una de estas casas!*

–*¡Pregunta en esta, a ver!*

–*¡Señora, vio usted por aquí a unos hombres corriendo!*

–Eu não vi nada. Levo um pedaço na janela do vertedeiro, lavando a louça, e não vi homem nenhum.

–*Pues tienen que estar aquí. Ella miente.*

–Mire, senhor. Aqui estou eu só com os meus filhos pequenos. Deveria de ter você mais consideração.

–*Tiene razón, hombre, déjala. ¡No ves que tiene dos niños y está sola! No te preocupes que, si no caen hoy, caerán mañana. Caer, van a caer. Eso seguro.*

– Pouco a pouco, vão saindo e baixando as escadas.

–Se não é por ti, Amara, não chegamos a amanhã.

–Desgraçados, não sabedes que tenho dous filhos que criar? Que ia ser de mim se vos atopam na minha casa? Adriano, por que nos comprometes assim?

–E logo mulher, querias que os deixasse na rua? Para que os matassem a tiros como fizeram com o pobre do Figueiras? Estava de costas à janela, e o primeiro tiro já foi para ele. Ali ficou, morto como um animal. Filhos da puta, cães.

–Para o outro dia, estava Amara esfregando as cuncas do almoço, quando, desde a janela, olhou vir uma parrelha de guarda

civis que traziam a um homem. Quando se foram achegando, o coração deu-lhe uma volta no peito. Era José do Castanho e, polo que se vê, já lhe deram uma malheira, porque vinha coxeando e arrastando os pés.

Era a hora de saírem os rapazes da escola e, à altura das Passadeiras, o filho de José, que ia jantar, cruzou-se com o pai.

–Papá!

–Toma meu filho, guarda-o tu que eu já não vou precisar mais. Tirou o relógio do pulso e deu-lho ao filho.

–*¿Que hace? ¡Camine!*

Com a culatra do fuzil, partiram-lhe a clavícula e baixaram-lhe o ombreiro.

Amara ficou estarecida. Nunca, nos piores anos da sua vida, vira fazer tal cousa um homem a outro. Pensava em Adriano e em se algum dia o viriam apanhar a ele também.

O coração encolheu-se-lhe até ficar pequeno como um botão, duro como uma pedra. Ainda assim, batia. E havia de bater para ver tudo o que ainda ficava por ver.

6

A morte do sonho

Adriano e os companheiros viviam pendentes da rádio e do telefone. As novas que chegavam de Madrid não eram muito claras. Houvera um golpe militar, mas era questão de dias, desde o governo, restabelecerem a ordem de novo. A Capitania Militar da Crunha somou-se aos golpistas, de aí que os falangistas baixassem em camiões para ocupar todos os povos e vilas. Mas eles acreditavam em que o governo da república ia recuperar aginha o controlo da situação e todo ia rematar num susto.

Mas Madrid ficava muito longe, e as comunicações foram intervidas. As novas que iam chegando eram confusas e, quando se achegavam à central de telefone, as telefonistas, compradas polos das direitas com promessas para quando eles tivessem o poder de facto, não lhe facilitavam a comunicação. Adriano, um dia, estalou uns petardos na porta da Central, como protesto.

Passavam os dias e as cousas cada dia iam a pior. Havia pouca informação, o povo andava revoltado, cada dia havia manifestações na praça, diante do Concelho, perante a olhada atenta dos falangistas que se deixavam ver, pola rua, com as camisolas azuis e as correagens com a pistola pendurada. Havia toque de queda, à tardinha, e as ruas, de noite, ficavam desertas. Só os falangistas e a guarda civil iam e vinham vigiando que ninguém saísse.

–Adriano. Que vai passar agora?

–Não sei, Amara. Suponho que isto há ser cousa de dias, mulher, fica tranquila. Já verás como tudo fica em nada e volve a ser tudo normal, como antes.

–Que Deus te ouça!Que será de nós, e dos nenês...

–Cala mulher, não tenhas pena. Verás como amanhã há de saber-se algo.

Ela apertou-se contra ele, na cama. Contra o seu corpo, quente e forte, abraçou-se ao seu peito, onde se sentia tão segu-

ra... Ele acarinhou-lhe o cabelo, beijou-lhe as pálpebras fechadas e pousou sua mão no seu peito, roçando seus seios com suavidade. O lume dos corpos novos ia subindo, como uma lumareda, até se derramar no sangue que corria impulsionado polos latejos acelerados de ambos corações, na procura do centro, das virilhas e das bocas, das mãos, dos ventres.

Como se a vida quisesse agarrar-se neles como uma raiz que procura enterrar-se para não ser arrincada. Ficaram dormindo, abraçados, no leito, por última vez. À meia noite petam à porta.

–*Abrir! ¡Abrir!*

–Adriano, para a minha ideia, que andam a petar na nossa porta. Vai ver quem é.

– Quem será, a estas horas, com o toque de queda! Aguarda, vou ver.

Ela levanta-se detrás e desce com ele. Dous guarda civis estavam na porta.

–*Buenas noches. ¿Vive aquí Adrián Barroso?*

–Sou eu. Que querem?

–*Póngase una chaqueta y venga con nosotros.*

– Aonde me levam?

–*¿Y a usted qué le importa? Las preguntas las hacemos nosotros. Lo llevamos ante la autoridad militar, para ser interrogado. Ale, vístase de una vez, que no podemos pasarnos la noche esperándolo.*

–Meu Adriano, onde te levam?

–Não te desgostes, mulher, que seguro que é um interrogatório sem importância. Eu não fiz nada mau, assim que não me podem reter muito tempo. Vai para arriba, antes de que despertem os meninhos. Fica tranquila, minha rola.

–*Bueno, va a vestirse, ¿o qué? No tenemos toda la noche.*

Sobe as escadas, chanço a chanço, veste um pantalão e uma camisola e desce.

–Adeus, meu homem...!

–Não chores mulher. Queres que despertem os nenês? Isto é cousa de horas. Assim que me perguntem e eu lhe responda, já volto. Para que me querem ali?

–Olha o que lhe fizeram a José do Castanho, e a Miguel, que o mataram no tiroteio...

–Isso foi no primeiro dia, quando não se sabia muito bem o que passava. Agora as cousas já se foram acalmando.

–Que Deus che ajude, meu amor. Que ele te volte à tua casa, que se nos faltas, que vai ser de nós...

Ela salouca, mentres ele desce as escadas e sai da casa, acompanhado pola parelha da guarda civil. Nunca mais Adriano Barroso ia volver à sua casa, com a mulher e os filhos. Aquele seria o primeiro dos cento e cinquenta dias que faltavam para a sua morte, que ia passar repartidos entre o cárcere de Corbelhe e o da Crunha.

7

A cadeia

Amara passa a noite sem poder dormir e, ao abrir o dia e levantar o toque de queda, deixa as crianças na casa e corre à casa dos sogros. Quando chega, já toda a família estava erguida, sentados na sala, bebendo café.

–Que foi Amarinha, foram também por Adriano?

–Vinheram a isso da meia-noite. E logo, levaram alguém mais?

–Levarom, mulher –diz o sogro– Foram casa por casa para buscar a todos os operários da fábrica que estão no sindicato. Seica foi Gurroni, o gerente, o que os mandou prender. Deu-lhe as queixas ao governo civil polo assunto da greve. Tinha-lha guardada desde aquela e não esperou mais.

–E agora, que lhe vão fazer? Não podem prendê-los por fazerem uma greve. Estavam no seu direito.

–Minha filha, polo que parece, os direitos não são o que lhe importa a estes falangistas do demo. A Reimondes, que lhe falou dos seus direitos, deram uma labaçada, diante dos filhos e da mulher, e saltaram dous dentes. Alá o levarom, com a face cheia de sangue, para o cárcere de Corbelhe.

–E logo é ali onde os levaram? E quando os poderemos ir ver?

–Há que esperar. A ver se se vão sabendo novas. Em total seica levaram nove. Fôra de Reimondes e os outros ainda não sei quem são. Mas ha de se saber, que essas cousas correm, e esta noite houve muito movimento pola vila.

–Eu tenho que ir à casa, que deixei os garotinhos sós. Se sabes algo, mandai-me recado.

Foi caminhando, devagar, para a casa. Na Casa do Povo ainda se viam os sinais das balas do domingo. Pouca gente havia pola rua, mas os que se cruzavam com ela, baixavam a cabeça ou miravam para outro lado. Quando chegou a casa, Abelardo ainda dormia, mas Pedrinho já andava polo sobrado, descalço,

enredando com o cavalinho de madeira que lhe fiço o pai com a navalha e um taco de castanho.

–Tenho fome. Quero as sopas.

–Sim, meu rei, vem que che dou o almoço.

O pão do outro dia, picado em pedaços pequeninhos, a cunca cheia de leite quente com açúcar, bem doce. A tona do leite, que a mãe apanhava por cima, e logo estendia numa fatia de pão e cobria com açúcar. Todas aquelas cousas que eram de cada dia, e que tão bem sabiam. Aquelas cousas que, com o passo do tempo, seriam só uma lembrança afastada dos dias felizes em que na casa havia comida, cousas boas, roupa e sapatos para calçar. Ao pouco, chegou sua cunhada, a mais novinha das irmãs de Adriano. Tinha dezessete anos.

–Diz-me mamãe, que fique eu com as crianças, e que vás perguntar por Adriano.

–Deus cho pague, Carminha. Já sabes onde está o pão, o leite e o açúcar. Até logo.

–E ainda será melhor que vista as crianças e os leve para a nossa casa, assim tu podés mover-te melhor. Queres?

–Pois claro que quero, mulher. Não vês que ando num sem-viver?

Botou porta afora e petou na casa de Marcelo, um dos companheiros do sindicato.

–Quem é?

–Sou eu, Amara.

–Entra, Amara.

–Eu só queria saber se vinheram buscar a Marcelo, porque a Adriano levaram-no esta noite.

–Vinheram por ele, mulher, vinheram. E não me dá boa espinhada. Seica a Adriano o foram buscar dos primeiros porque dom Calixto, o senhor abade, que o acusou de se meter com ele e com a igreja na folha do Sindicato.

–Má centelha o coma! Desgraçado! Depois de tanto lhe irem tocar e cantar na novena da Junqueira! E logo por falar mal da igreja e mais desses larpeiros dos cregos, já prendem a um homem honrado com dous filhos que manter?

–Amara, a cousa está-che muito mal. Gurroni deu as queixas ao Governo Civil e não se sabe o que vão fazer com eles.

–E logo que vão fazer? Terão que os deixar livres. Não os vão matar por falar mal dos cregos e fazer uma greve, digo eu.

– Mira. Eu vou ir agora ao quartel, perguntar por meu irmão. Antes podemos passar por casa dos companheiros, a ver a quantos levaram.

Perguntando de casa em casa, veio dar no que Amara já supunha. Levaram os nove companheiros do sindicato. Foram pelas casas colhendo-os, um por um. As famílias ficavam desnorteadas e intranquilas, e pola vila havia ruxe-ruxes e rexoubes e também medo, na gente das esquerdas e nos nacionalistas galegos. Os da direita andavam a fazer festa na praça, diante do concelho, escachando de riso com os insultos à república, da que até três dias formavam parte também, e ameaças que iam subindo de tom e encorajando-se cada dia que passava sem se resolver as cousas em Madrid. Amara e o resto das mulheres, foram com Teodoro Leirado, que também tinha o seu irmão retido, para o quartel.

Caminhavam pola rua, e a gente olhava-os de esguelho, mas não se atrevia a dizer palavra. Quando passavam diante da casa das Candorcas, a mãe, que estava no vertedeiro esfregando a louça, berrou:

–A todos os porcos lhes chega seu São Martinho, caralho! Ide, ide, que também iades correndo quando vinha esse mangoteleiro de Corbelhe dar os discursos!

Sem sequer olhar, seguiram para adiante, até chegarem ao quartel. Na porta, havia dous guardas, sentados numa mesa, lendo um jornal.

–Que queredes?

–Queremos falar com o brigada.

–Aguardai aqui, que lhe vou perguntar.

O brigada era um homem cinquentão, velho na vila, mais amigo de resolver as cousas de jeito amigável que de liortas.

–Que diz o senhor brigada que podem passar, mas só duas pessoas, que todos são muitos.

Ao fim, o brigada dixo que ele não sabia nada. Que as ordens vinheram do Governo Civil e que eles se limitaram a cumprilas. Eles ficavam no cárcere de Corbelhe, que era a cabeça do Partido Judicial para serem interrogados e, segundo o que se visse,

iam ser postos em liberdade ou não. Ainda não se podia falar com eles, porque os têm isolados e, se houver mais notícias, ele não tinha impedimento nenhum para lhas dar. Mas, de momento, não havia nada novo.

Foram embora com os ânimos decaídos. Ficam em volver à noitinha para perguntar outra vez. E assim um dia, dous, três... Até uma semana. Ao cabo da semana, quando vão ao quartel, como cada dia, o brigada diz:

-Tenho boas novas. Eles ficam retidos no cárcere, de momento, mas vocês podem ir para vê-los, já desde amanhã. Isso sim. Só pode ir uma pessoa por preso.

-Vês, já vos dizia eu que não lhe iam fazer nada, que eles não figeram nada mau.

Amara vai para a casa dos sogros, cantando baixinho. Amanhã poderia ir ver o Adriano e, se deus quiser, logo haveria de estar de volta na casa e a vida seguiria seu curso. À manhã seguinte, levanta-se cedo e vai a cas de Marcelo, chamar à irmã.

-Passa, Amara, que já logo acabo de me pentear e marchamos.

Quedaram com os outros às nove e meia no peirão, para colherem a gamela que os ia cruzar por mar. Ali estava o senhor Ruperto, o barqueiro, e a expedição tomou o rumo do cárcere de Corbelhe, uma construção de pedra levantada ao pé do mar.

Quando chegam, faze-os passar a uma sala de pedra: as paredes, o teto, o chão. Uma sala húmida e fria, mesmo naqueles dias últimos do mês de Julho.

Passado um quarto de hora, vem um guarda:

-Já podem passar.

Todos a correr que quase tropeçam uns com os outros, com ânsia, com angústia, com pressa por chegar junto deles... Estavam todos juntos, de pé, numa outra sala de pedra, mais grande que a primeira.

-Quanto frio faz aqui! Diz Amara quando olha o Adriano, tão sério e tão fraco, sem barbear, mas com um sorriso e uma felicidade nos olhos que a faz estremecer.

-Meu filhinho! Abraça-o tão forte como pode e ele, repousa sua cabeça no seu peito e deixa-se estar assim, tranquilo por primeira vez em muitos dias.

–Quanto pensei em ti, minha rolinha...! E nos nenês. Como andam? Até pensei que não volveria a te ver nunca mais.

–Não digas isso, Adriano, suplico-cho. Não volvas dizer...

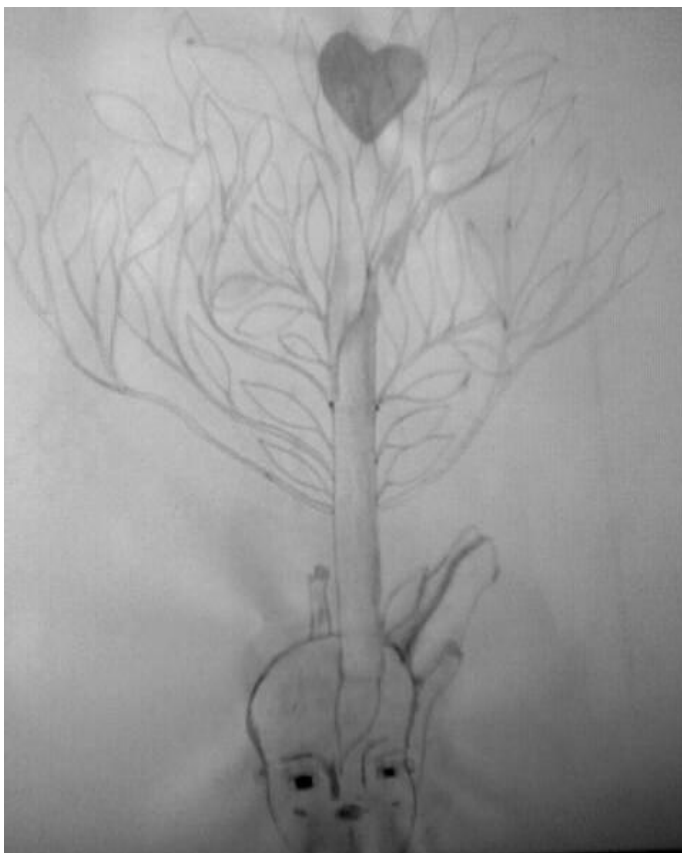
Ele beijou-lhe o cabelo. E os beijos. Cada dia, às nove da manhã, a gamela saía com sua carga. Amara levava a cesta do jantar para Adriano, cada dia com boas cousas: ovos, um termo de café com leite, empada de xoubas... Não queria que apanhasse alguma doença lá, em aquele lugar tão escuro e húmido. Depois de duas semanas, chegam ao cárcere percebem algo diferente nos nove companheiros. Adriano leva a Amara a um lado:

–Já andam amanhando tudo para pudermos fugir. Temos um barco preparado para ir até Portugal e, de alá, à América.

–Não fagades isso, Adriano, que se fugides, já estades a reconhecer que sodes culpáveis: “O que corre, delito leva”. Não marchedes, hom. Esperai um pouco, já miraredes como todo se amanhã. Logo há de rematar isto e a República ha de volver a pôr as cousas em seu lugar.

–As cousas andam mal. Não em Madrid, nem em Barcelona, mas aquí mandam estes e não sei se será boa ideia ficarmos...

As outras mulheres, eram do mesmo parecer, pediram-lhe aos seus homens não ir embora. Acreditavam em que as cousas aginha se iam arranjar. A América ficava muito longe, e quem sabe se se volveriam ver. Eles não figeram nada mau; de facto, se não fosse pola labaçada de Reimondes, não lhe tocaram um pelo da roupa a ninguém deles. Ao fim, a sua opinião triunfou e eles esqueceram a fugida. Outra semana passou aguardando pola ansiada liberdade.



8

A sangria

Ao cabo duma semana, quando chegam para visitá-los, eles têm novas que contar-lhes:

–Amanhã transladam-os à Crunha. Seica vão interpor contra nós cargos graves e vai-nos julgar um conselho de guerra.

–E isso que é, Adriano?

–Pois que nos consideram muito perigosos e já não nos vão soltar, como pensávamos. Vão-nos julgar na Crunha um tribunal militar.

–O que? Mas, se vós não sodes militares, só operários da fábrica...

–Sim, mas parece que a guerra se estende e a República não é capaz de restabelecer a ordem. Assim que anda todo revolto. E aqui mandam os militares do bando franquista e os falangistas, assim que, a ver se temos sorte e volvem as cousas ao rego antes que se resolva o caso, senão podem-nos cair anos de cadeia...

–Não digades isso...Minha mãe. Que será de mim e dos nossos filhinhos?

–Ainda che ficam quartos, Amara?

–Ficam. Tu não penses agora no dinheiro. Pensa em saires aginha de aquí. Que nos fazes muita falta.

Quando Amara passou pola casa dos sogros, soube que seu cunhado Ramom, que estava fazendo o serviço militar nas Astúrias, desaparecera num bombardeio republicano no quartel onde ele estava. A senhora Joana chorava como uma Magdalena e as duas filhas mais o filho pequeno, consolavam-na.

–Já verá mamãe, como ainda vai aparecer. Ainda não diz que morreu.

–Calai, que bem sei eu que não vou ver mais o meu filho... Malditas as guerras e quem as inventou...E tu, Amara, que novas trazes?

–Minha sogra, seica os querem levar para a Crunha e fazer-lhe um conselho de guerra.

–Minha virgem da Junqueira! Um conselho de guerra! Querem acabar com os meus filhos. E não se acabará duma vez esta loucura? A vida dera a volta em Cancelas. Tudo ficava do revés. O mundo estava a mudar e na pequena vila já se fazia patente essa mudança. Segunda-feira transladam Adriano e os companheiros à Crunha. O irmão Abelardo, com seus companheiros, bota-se ao monte, antes que venham por eles também, e a casa ia ficar sem seus homens. Só o pai e o pequeno João ficam com a mãe e as irmãs. Pouco a pouco tem que ir vendendo os móveis, a roupa das camas, a louça, os jogos de café... Com cada coisa vai-se uma parte da vida da família. Cada coisa é uma pinga do sangue espesso dos Barroso que se verte numa sangria sem fim...

9

Tudo perdido

Com a marcha dos nove companheiros à cadeia da Crunha, a vida de Amara mudou. Agora já não era cruzar na lancha do senhor Ruperto. Agora ela, mais as mulheres e irmãos dos outros, iam à Crunha um dia sim e outro também, para verem os homens, para os consolar e para agir na procura de alguma saída ao fim que se alvisejava ao longe, mas não se queria aceitar. Os ânimos deles, eram bons, de momento. Ainda confiavam em que tudo poderia ter solução, mas o tempo ia passando e os acontecimentos precipitaram-se e as famílias apelavam a tudo o que podiam para os livrar.

Logo lhe anunciam que, definitivamente, vão ser julgados num juízo sumaríssimo, em conselho de guerra. Amara entrevistou-se com o advogado que lhe estabeleceram a Adriano, mas o homem, desde o primeiro momento, pensa que o juízo é um simples tramite e que a sorte dos nove companheiros já fica decidida desde o mesmo dia da sua detenção. O único que os poderia salvar seria a intervenção favorável do crego da paróquia ou de algum membro influente da igreja, mas nem um só moveu um dedo por eles, e o dia do juízo chegou. A cada um o processam por diversos motivos, numa paródia de juízo, ainda que o cargo comum a todos eles é o de grevistas, alvoroçadores e sujeitos perigosos para a sociedade. Na paródia, tem seu papel gente da vila de ideias conservadoras e cobiça por terem favores que testificam para implicar os acusados em atos de “terrorismo”. No caso de Adriano, uma das operadoras do telefone assegura que lhe queimou um pé com um dos petardos à porta da oficina, e, em prêmio à sua testemunha, concedem-lhe uma tabacaria para vender selos, tabaco e certificados. Um dia, anos mais tarde, Amara, encarou com ela na Alameda compostelã e depois de

lhe marcar o pé arrastou-a pelo cabelo. A outra não diz nada. Mas seguiu a desfrutar da tabacaria por muitos anos.

Assim foi como a realidade se ia abrindo caminho e as portas da esperança, uma a uma, se iam fechando para eles. Um dia, quando Amara chegou a visitar Adriano, este ficava sentado na cela, com a cabeça abaixada, calado. Ela pergunta e ele responde:

–Será o dia nove de dezembro às sete da manhã.

Faltavam duas semanas. Duas semanas e algo mais é o que falta agora para que se cumpra o tempo da memória.

É 24 de novembro. O dia frio e gris anima a ficar na casa, vendo como as nuvens negras, prenhes de chuva, caminham para trás do monte, empurradas pelo vento do nordês. Eu estou agora na casa da minha avó Amara, na que ela viveu sozinha durante os trinta derradeiros anos da sua vida. A casa que ela mimava e mantinha linda, com os cobertores, as colchas e os lenços bordados do enxoval que ela juntou quando casou e foi viver com Adriano à casinha de Cancelas. Ainda seguem penduradas do teto as suas lâmpadas, o retrato do casamento na parede e a sua voz, que me dita estas palavras ao ouvido para que não se percam comigo e se transmitam aos que vierem detrás para que não esqueçam a sua história. Para que o rio de azougue e sangue siga a fluir, sem que a terra o embeba e se esgote desaparecendo para sempre da consciência.

10

A olhada que não chegou a ser

As mulheres tentaram de procurar um milagre, até ao último momento. Falaram com coroneis, com sacerdotes, com freiras, mas os dias passavam e o pelotão cobrava realidade por momentos. O senhor abade de Cancelas não quijó mover um dedo por ajudar, e os líderes da República ficavam longe, ilhados pola fronteira de poderes estabelecidos naqueles primeiros dias do mês de julho, que agora semelhavam ficar tão distantes no tempo e no espaço, como uma Atlântida perdida para sempre no fundo do mar. O 7 de dezembro as mulheres foram avisadas de que, o dia seguinte, seria o da última visita e que, se queriam, podiam levar os filhos para se despedirem por última vez.

Amara sentiu como algo rompia dentro de si e sentiu na boca uma bocalhada de sangue azedo que nunca a ia abandonar nos anos que viveu. Foi-se para Cancelas e, para o outro dia, subiu no Guillem com Abelardo e Pedrinho, para que se despedissem de seu pai. Entraram no cárcere e foram para a cela de Adriano. Ele ficava sentado, pensativo e, enquanto os veu chegar, levantou os olhos e apertou contra si a Abelardo. Quando Pedrinho foi para o abraçar, baixou a vista e não foi já quem de o olhar. Essa olhada não recebida acompanhou Pedrinho até o dia da morte. Como um poço sem fundo, um furado negro onde se perdia a luz da fé no resto do mundo. Pedrinho, desde aquele dia, sempre ficou só, mália ter uma família que o queria e uma vida social muito alargada, mália ser alegre, extrovertido e parrandeiro, mália contar os contos mais retranqueiros de Vímio Verde. A solidão total e absoluta sempre esteve como uma gadoupa, apertando o seu peito de menino orfo privado da olhada de seu pai. No fundo de cada cunca de vinho, de cada groló de aguardente sempre esperava achar com a olhada que se perdeu aquele 8 de dezembro nas pedras do chão do cárcere da Crunha. E todas as olhadas do mundo, nunca puderam substituir a aquela.

11

O Campo da Rata

Assim era como lhe chamavam à Ponta Hermínia, um pequeno cabo de pedras de grão coberto por ervas ventureiras, ao pé da Torre de Hércules, na Crunha. Perto de ali ficava o cárcere, e também o campo santo, e era cómodo e fácil para os assassinos fascistas levarem os condenados ali para fuzilá-los pola manhã cedo. Às seis da manhã, as mulheres juntaram-se na porta do cárcere para ver o que passava. Eram as sete, e ainda não chegara o camião que os ia levar, e elas sentiram por última vez a chaminha da esperança no coração: “Seica não vem...!” “Se quadra, chegou um indulto ontem de noite...” Às sete e meia, o ruído do camião acabou de esmagar aquelas pequenas chamas e o vento frio, espalhou as muxicas até que não ficou mais que o frio e a escuridade do inevitável. Às oito menos quarto, na escuridade, virom como o camião partia com eles detrás. Uns, ergueitos, com a roupa dos domingos, que mandaram trazer, outros, chorando, derrubados no último momento. Elas marcharam a correr para o cemitério de Santo Amaro, para esperarem ali a que lhos trouxessem.

Pelo caminho, ouviram as descargas do pelotão e, mais tarde, os tiros de graça.